Da faculdade metalinguística em Benveniste à proposição de uma Antropologia da Enunciação

Valdir do Nascimento Flores*

Resumo

Este artigo investiga a noção de *faculdade metalinguística* nos livros *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II*, do linguista francês Émile Benveniste. Tal noção é apresentada na obra como a base para o entendimento da propriedade de interpretância das línguas, que permite o estabelecimento das relações de interpretância, passíveis de serem estabelecidas entre, de um lado, o sistema da língua e os demais sistemas semiológicos e, de outro lado, a língua em relação a si mesma. A partir desse estudo, fundamentam-se duas hipóteses: a primeira considera que a noção de faculdade metalinguística remete, na reflexão benvenistiana, a uma característica geral da linguagem humana; a segunda hipótese sustenta que essa faculdade emerge como uma propriedade das línguas, o que pode ser observado nas relações de interpretância por ela estabelecidas. Nesse sentido, dá-se destaque a três ideias que estão implicadas na teoria da linguagem de Benveniste: *faculdade*, *propriedades* e *relações*. Por fim, avalia-se a importância desse raciocínio no quadro de uma perspectiva antropológica da enunciação. Defende-se que as ideias de Benveniste podem sustentar uma abordagem enunciativo-antropológica desde que se leve em conta os comentários que o falante faz sobre a sua condição de falante ao falar de sua experiência de falante no interior de fenômenos da linguagem.

Palavras-chave: faculdade metalinguística; relações de interpretância; metalinguagem; enunciação; semiologia.

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor em linguística. Professor Titular em Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras e do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador Pq-CNPq. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2676-3834

From Benveniste's metalinguistic faculty to the proposition of an Anthropology of Enunciation

Abstract

This article investigates the notion of *metalinguistic faculty* in the books *Problèmes de linguistique générale 1* [*Problems in general linguistics*] and *Problèmes de linguistique générale, 2*, by French linguist Émile Benveniste. This notion is presented in the books as the basis for understanding the property of interpretance of languages, which allows the establishment of relationships of interpretance, which may be established between, on the one hand, the language system and other semiological systems and, on the other hand, the language in relation to itself. Two hypotheses emerge from this study: the first considers that, in Benveniste's reflection, the notion of metalinguistic faculty refers to a general characteristic of human language; the second hypothesis claims that this faculty emerges as a property of languages, which can be observed in the relationships of interpretance it establishes. Thus, we highlight three ideas that are implicated in Benveniste's theory of language: *faculty*, *properties* and *relationships*. Finally, the importance of this reasoning within the framework of an anthropological perspective on enunciation is assessed. We argue that Benveniste's ideas can support an enunciative-anthropological approach seeing that the comments that speakers make about their status of speakers when talking about their experience as speakers within language phenomena are taken into account.

Keywords: metalinguistic faculty; relationship of interpretance; metalanguage; enunciation; semiology.

Recebido em: 29/03/2024 / Aceito em: 28/05/2024

1 Introdução

Normalmente o gênero *artigo de periódico científico* atende a algumas regularidades textuais que inclusive balizam a leitura que fazemos dele. E uma dessas regularidades é que se espera que, na "introdução" do artigo, seja apresentado, de imediato, o objetivo principal sobre o qual o trabalho deverá discorrer. É essa prática habitual que gostaríamos de colocar em suspenso e – contando com a boa vontade do leitor – solicitar que se admita apresentar esse objetivo apenas no final desta "Introdução". E isso por um motivo: nosso artigo decorre de uma construção argumentativa à qual o leitor precisa ser exposto para que possa estabelecer seus parâmetros de leitura.

O único aspecto que podemos já adiantar é que trataremos de examinar — como anunciado no título — a "faculdade metalinguística" no pensamento do linguista Émile Benveniste (1902-1976), uma problematização que, segundo cremos, atravessa os dois volumes de *Problemas de linguística geral* (também PLG I e II). E faremos isso, do ponto de vista metodológico, em um movimento de leitura que vai "de trás para frente" no conjunto dos textos que constituem os livros, que reúnem trabalhos de Benveniste publicados entre as décadas 1930 e 1970.

Dito de outro modo, iniciaremos por um de seus últimos artigos ("Semiologia da língua") e, em uma espécie de movimento de *retorno reflexivo*, passaremos a trabalhos anteriores do linguista. Nossa intenção é ver em que medida o domínio do que chamamos da ordem do "meta" no campo da linguagem (Flores, 2016) permite a Benveniste formular seu raciocínio a respeito da especificidade da língua em sua relação

com o falante (e vice-versa), o que, em nosso entendimento, situa sua teorização em um amplo horizonte antropológico da linguagem. Vejamos então.

Em 1969, Benveniste torna público um dos textos mais complexos de sua reflexão tardia: trata-se de "Semiologia da língua". O artigo foi publicado, inicialmente, em duas partes separadamente, ambas na revista *Semiotica*, que foram republicadas como um conjunto em 1974, por ocasião do aparecimento de *Problemas de linguística geral II*.

A complexidade do texto decorre de uma série de discussões que ali constam. Em primeiro lugar, Benveniste opera uma leitura muito particular das teorias de dois grandes pensadores do final do século XIX e início do XX — o filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) e o linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) — na busca da resposta a uma questão fundamental, que dará origem a toda a proposta presente em "Semiologia da língua", qual seja, "Qual o lugar da língua entre os sistemas de signos?" (Benveniste, 1989, p. 43). Em segundo lugar, o texto tem forte caráter prospectivo: em seu final, decreta que é necessário "ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua" (Benveniste, 1989, p. 67); que essa *ultrapassagem* decorrerá de uma "análise intralinguística, [...] uma nova dimensão de significância, a do discurso" (Benveniste, 1989, p. 67), também chamada de "semântica", e de uma "análise translinguística, [...] pela elaboração de uma metassemântica" (Benveniste, 1989, p. 67); que tal "metassemântica" deverá se construir sobre a "semântica da enunciação" (expressão utilizada pela primeira e única vez por Benveniste, que sugere a existência de um campo de pesquisas já consolidado); e, por fim, que a

análise que é ali proposta "será uma semiologia de 'segunda geração'" (Benveniste, 1989, p. 67), cujo desenvolvimento integrará a semiologia geral.

Observe-se que o texto, assim apresentado ao leitor, em linhas tão gerais, certamente não deixará de suscitar inúmeros questionamentos. Mas há mais: há ainda a própria expressão "semiologia da língua", que dá título ao artigo: ela parece indicar que Benveniste assim denomina a "semiologia de segunda geração", uma nova disciplina, diferentemente da semiologia pensada por Saussure. E essa diferença é exatamente a base dessas disciplinas: o signo linguístico, para Saussure; a língua entendida simultaneamente como *semiótico* e *semântico* (sistema e discurso), para Benveniste. A semiologia de Benveniste é "da língua" e não "do signo". A nova semiologia que se delineia a partir de Benveniste é, portanto, da língua-discurso (Benveniste, 1989, p. 233) e não do signo.

E como Benveniste chega a essa teorização? Pela *propriedade* que a língua tem de ser "o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos" (Benveniste, 1989, p. 61); trata-se de uma *propriedade da língua* e de um princípio semiológico:

> a língua é o interpretante de todos os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma 'língua' na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma. (Benveniste, 1989, p. 62).

Essa propriedade é que permite que se estabeleça, na língua e pela língua, uma *relação de interpretância*.

E que característica tem a língua, aos olhos de Benveniste, que faz dela esse "interpretante" de si e dos

outros sistemas, além de permitir que se estabeleçam relações de interpretância da língua consigo mesma e com os demais sistemas? Ora, é que "a língua nos fornece o único modelo de um sistema que seja semiótico simultaneamente na sua estrutura formal e no seu funcionamento" (Benveniste, 1989, p. 63); ou, em termos detalhados:

> 1.° ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar, é sempre falar-de:
> 2.° ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
> 3.° ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
> 4.° ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (Benveniste, 1989, p. 63).

Ora, "por estas razões, a língua é a organização semiótica por excelência." (Benveniste, 1989, p. 63). A língua, para o linguista, é a expressão primordial da função do signo, proporcionando um modelo exemplar dessa função. Portanto, apenas a língua tem o poder de conferir a outros conjuntos a qualidade de sistemas significantes, transmitindo-lhes a essência da relação de signo. A língua *modela* semioticamente tudo, e qualquer outro sistema ou estrutura não faz mais do que reproduzir os traços da língua.

Benveniste segue indagando: "A que se deve esta **propriedade**? Pode-se discernir por que a língua é o interpretante de todo sistema significante?" (Benveniste, 1989, p. 64, grifo nosso). Sua resposta é um novo modo de ver a língua:

> a língua significa de uma maneira específica e que não está senão nela, de tal maneira que nenhum outro sistema o pode reproduzir. Ela é investida de uma DUPLA SIGNIFICÂNCIA. Trata-se propriamente de um modelo sem analogia. A língua combina dois modos distintos de significância, que denominamos modo SEMIÓTICO por um lado, e modo SEMÂNTICO, por outro. (Benveniste, 1989, p. 64, destaques do autor).[1]

1 Conforme Autor (Flores, p. 160), o *semântico* é o "modo específico de significância que é engendrado pelo discurso. Trata-se do domínio da língua em emprego e em ação"; o *semiótico*, por sua vez, é o "modo de significação intralinguístico, próprio

Por fim, Benveniste chega ao ponto de maior interesse para nós, neste trabalho que estamos desenvolvendo:

> A língua é o único sistema em que a significação se articula assim em duas dimensões. Os outros sistemas têm uma significância unidimensional: ou semiótica (gestos de cortesia; *mudrās*), sem semântica; ou semântica (expressões artísticas), sem semiótica. O **privilégio da língua** é de comportar simultaneamente a significância dos signos e a significância da enunciação. Daí provém seu **poder maior**, o de criar um **segundo nível de enunciação**, em que se torna possível sustentar propósitos significantes sobre a significância. **É nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância** pela qual a língua engloba os outros sistemas. (Benveniste, 1989, p. 66, itálico do autor, negritos nossos).

Para além da polêmica que Benveniste instaura com a distinção entre sistemas que têm uma significância unidimensional (só *semiótica* ou só *semântica*), há a apresentação clara do motivo que o leva a dar à língua um lugar proeminente em relação aos demais sistemas: a língua tem um "privilégio", tem um "poder maior", é capaz de "criar um segundo nível de enunciação"; e tudo está ligado à "faculdade metalinguística". A relação de interpretância decorre dessa faculdade.

Está posto o assunto que nos interessa aqui: há três termos que sintetizam um raciocínio fino de Benveniste que merece ser entendido no detalhe. A (I) *faculdade metalinguística* está na origem da(s) (II) *relação(ões) de interpretância* que a língua estabelece consigo mesma e com os demais sistemas, o que se configura em uma (III) *propriedade* das línguas de serem interpretantes de todos os outros sistemas, sejam eles linguísticos ou não.[2]

do signo linguístico e que o constitui como unidade. O semiótico é, em suma, organização dos signos segundo o critério da significação, tendo cada um destes signos uma denotação conceptual e incluindo numa subunidade o conjunto de seus substitutos paradigmáticos."

2 Em suas últimas aulas no Collège de France, Benveniste usa termos um pouco distintos: "a língua é o único sistema significante que pode descrever a si mesmo em seus próprios termos. A propriedade metalinguística é própria à língua, pelo fato de ela ser

Ora, a língua parece conter algo que diz respeito a uma *propriedade* fundamental que se evidencia nas *relações* de interpretância. De que natureza é essa propriedade? Tudo indica que a palavra "faculdade" tem um papel essencial no entendimento do que diz Benveniste.

Observe-se que Benveniste não diz que *a língua tem a faculdade metalinguística*; na verdade, nas passagens acima, parece que a língua é caracterizada pela "propriedade" (Benveniste, 1989, p. 64) de ser "interpretante", de estabelecer a "relação de interpretância"; a palavra "faculdade" é reservada à expressão "faculdade metalinguística". Ora, com base nisso, poderíamos formular a hipótese de que "faculdade" remeteria a algo que, embora relacionado, não possa ser *pari passu* associado à "propriedade" nem mesmo à "relação de interpretância"? Poderíamos dizer, por exemplo, que a "faculdade metalinguística" estaria ligada à linguagem humana e que a "propriedade" de ser "interpretante", presente em uma dada "relação de interpretância", estaria ligada às línguas?

A favor dessas hipóteses poderíamos lembrar que em outro texto, pouco anterior a "Semiologia da língua", "A forma e o sentido na linguagem", de 1966/1967, Benveniste utiliza a mesma expressão "faculdade metalinguística", desta vez em um contexto no qual fala do fenômeno da tradução, algo, portanto, que destaca a ordem das línguas e também uma ordem mais geral (da linguagem?), aqui tratada em termos de "pensamento" e de "espírito":

> a conversão do pensamento em discurso se assujeita à estrutura formal do idioma considerado, isto é, à organização tipológica que, segundo a língua, faz

o interpretante dos outros sistemas." (Benveniste, 2014, p. 155). Ou, ainda, como anotou um aluno de Benveniste: a língua tem a capacidade de "[...] tudo interpretar, inclusive ela mesma." (Benveniste, 2014, p. 190).

> predominar tanto o gramatical quanto o lexical. No entanto, falando grosseiramente, o fato de que se pode "dizer a mesma coisa" numa como noutra categoria de idiomas é a prova, por sua vez, da independência relativa do pensamento e ao mesmo tempo de sua modelagem estreita na estrutura linguística. (Benveniste, 1989, p. 233).

E acrescenta:

> que a tradução se torne possível como processo global é também uma constatação essencial. Este fato revela a possibilidade que temos de nos elevarmos além da língua, de abstraí-la, de contemplá-la, ainda que utilizando-a em nossos raciocínios e em nossas observações. **A faculdade metalinguística**, a que os lógicos têm estado mais atentos do que os linguistas, **é a prova da situação transcendente do espírito "vis-a-vis" da língua** em sua capacidade semântica. (Benveniste, 1989, p. 233).

Está evidente, então, que precisamos entender em que medida a "propriedade" de ser "interpretante", de estabelecer "relação(ões) de interpretância" que a língua tem, está ligada à "faculdade metalinguística". Passemos a isso.

2 Sobre a faculdade da linguagem e a faculdade metalinguística

O termo "faculdade" é reiteradamente utilizado por Benveniste em seus *Problemas de linguística geral.* Daremos aqui apenas poucos exemplos ilustrativos. Em *Problemas de linguística geral I*: quando Benveniste aborda a "linguagem": "[...] a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*." (Benveniste, 1988, p. 27, itálico do autor); ou ainda, em um

contexto que contrasta linguagem com língua: "A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade de linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua." (Benveniste, 1988, p. 80). Também em um contexto que aborda a capacidade humana de simbolizar: "A faculdade simbolizante permite de fato a formação do conceito como distinto do objeto concreto, que não é senão um exemplar dele. [...] Ora, essa capacidade representativa de essência simbólica que está na base das funções conceptuais só aparece no homem." (Benveniste, 1988, p. 27-28). Por último, em um contexto em que contrasta linguagem e línguas:

> [...] a linguística tem duplo objeto: é ciência da linguagem e ciência das línguas. Essa distinção, que nem sempre se faz, é necessária: a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza. (Benveniste, 1988, p. 20).

Em *Problemas de linguística geral II*: quando aborda a distinção semiótico/semântico, exemplificando-a com as "formas patológicas da linguagem":

> O semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO. A diferença entre reconhecer e compreender envia a duas faculdades distintas do espírito: a de perceber a identidade entre o anterior e o atual, de uma parte, e a de perceber a significação de uma enunciação nova, de outra. Nas formas patológicas da linguagem, as duas faculdades estão frequentemente dissociadas. (Benveniste, 1989, p. 66, destaques do autor).

Mas, entre todos os momentos em que Benveniste toca no tema, nenhum é mais emblemático do que no artigo "Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguagem", de 1963. Ali,

ele reconhece a vinculação da linguagem como faculdade própria do homem, uma faculdade simbolizante:

> [...] o homem não foi criado duas vezes, uma vez sem linguagem, e uma vez com linguagem. A ascensão de Homo na série animal pode haver sido favorizada pela sua estrutura corporal ou pela sua organização nervosa; deve-se antes de tudo à sua faculdade de representação simbólica, fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. (Benveniste, 1988, p. 29).

O que isso quer dizer? Que "a faculdade simbólica no homem atinge a sua realização suprema na linguagem, que é a expressão simbólica por excelência" (Benveniste, 1988, p. 30); que se trata de uma capacidade em um sentido muito específico, não necessariamente de natureza biológica, mas de natureza antropológica, quer dizer "fora da esfera biológica, a capacidade simbólica é a capacidade mais específica do ser humano." (Benveniste, 1988, p. 31).

Uma teoria da linguagem que se desenvolva a partir desses pressupostos necessariamente dará destaque à diversidade das línguas e ao exercício do diálogo. O problema da natureza biológica da linguagem não entra em conta, uma vez que o homem é tomado em sua natureza simbólica, o que encaminha uma visada antropológica da linguagem.

Nesse sentido, dado que a linguagem é intrinsecamente simbólica, a interpretação da realidade também adquire caráter simbólico, e apenas o ser humano, enquanto ser dotado de capacidade simbólica, consegue, por meio da linguagem, criar uma representação da realidade. A comunicação surge como uma consequência direta dessa habilidade simbólica e da forma como lidamos simbolicamente com o mundo ao nosso redor. Entre todas as funções da linguagem, portanto, a mais fundamental

é a função simbólica – especialmente quando se trata do *homo loquens* (Flores, 2019) –, pois é ela que possibilita à linguagem organizar a experiência humana de maneira específica.

Isso posto – quer dizer, entendidas as linhas gerais da ideia de linguagem como uma faculdade simbólica em Benveniste –, é tempo de pensar sobre o ponto de maior importância para nós aqui: a faculdade metalinguística.

É essa faculdade que garante a "propriedade" da língua de ser interpretante de si e dos outros sistemas semiológicos, isto é, que garante o estabelecimento de "relações" de interpretância. Nossa hipótese, lembramos, é a de que, em Benveniste, a faculdade metalinguística estaria ligada à linguagem, e a "propriedade" de ser "interpretante", constitutiva das "relações de interpretância", estaria ligada às línguas.

Benveniste utiliza nomeadamente a expressão "faculdade metalinguística" em dois momentos nos *Problemas de linguística geral*, ambos já referidos acima: o primeiro, no contexto de distinção semiótico/semântico, em que o fenômeno da tradução é apresentado como uma evidência da distinção ("a faculdade metalinguística, a que os lógicos têm estado mais atentos do que os linguistas" (Benveniste, 1989, p. 233)); o segundo, no contexto de elucidação do "privilégio da língua, do "poder maior" , "o de criar um segundo nível de enunciação", de originar as relações de interpretância ("é nesta faculdade metalinguística que encontramos a origem da relação de interpretância") (Benveniste, 1989, p. 66).

No entanto, isso não é tudo. A dimensão metalinguística — mesmo não textualmente nomeada — atravessa os *Problemas de linguística geral* e serve como fundamento de várias explicações do linguista.

É, por exemplo, dessa forma que ele aborda a ausência absoluta de autorreferência na comunicação animal para mostrar o que a distingue da linguagem humana: "[nas abelhas] a comunicação se refere apenas a um certo dado objetivo. Não pode haver comunicação relativa a um dado 'linguístico' [...]. A abelha não constrói uma mensagem a partir de outra mensagem." (Benveniste, 1988, p. 65).

É também assim que Benveniste trata a relação entre língua e sociedade:

> Nada pode ser compreendido — é preciso se convencer disto – que não tenha sido reduzido à língua. [...]. É graças a este poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial que a língua pode tomar como objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza. Há uma metalinguagem, não há metassociedade. (Benveniste, 1989, p. 99-100).

Além desses usos, proliferam, nos dois volumes de *Problemas de linguística geral,* expressões do campo "meta": "Podem-se construir línguas sobre línguas, que se chama de metalínguas, línguas que servem para descrever uma língua, que é sua única função." (Benveniste, 1989, p. 35); "todo o vocabulário da metalinguagem só encontra aplicação na língua." (Benveniste, 1989, p. 35); além de usos como "'nomes' metalinguísticos" (Benveniste, 1989, p. 86); "metalíngua do francês" (Benveniste, 1989, p. 185); "metalíngua diferente" (Benveniste, 1988, p. 18); "metalíngua lexicográfica" (Benveniste, 1988, p. 281) etc.

O que esses usos e ocorrências podem indicar? Do nosso ponto de vista e em consonância com nossas hipóteses, que Benveniste permite ver, de um lado, que o "homem na linguagem" (cf. *Prefácio* do PLG I, não paginado) é um ser constituído por uma faculdade que lhe é definidora, dada sua natureza simbólica,

e que a faculdade metalinguística é constitutiva dessa faculdade simbolizante; de outro lado, que o "homem na língua" (cf. os títulos das quintas partes de PLG I e II) coloca em exercício essa capacidade através da propriedade das línguas de tudo interpretar (inclusive a si mesma), o que possibilita o estabelecimento de relações de interpretância entre sistemas semiológicos e no interior da própria língua.

Admitida essa conclusão, qual alcance podemos atribuir-lhe?

3 O linguista, a metalinguagem e a antropologia da enunciação

Até aqui fizemos um esforço para trazer ao leitor uma interpretação da obra de Benveniste, a partir de um ponto específico: a faculdade metalinguística. Para tanto, buscamos documentar vastamente nossa leitura, como forma de não mutilar (demasiadamente) o raciocínio de nosso autor. Daqui para a frente, o procedimento adotado é outro: buscamos avaliar, em linhas gerais, em que medida esse raciocínio benvenistiano permite produzir em um campo que temos tentado desenvolver sob a denominação de "antropologia da enunciação" (Flores, 2016; 2019).

A faculdade metalinguística é a base da proposição de uma antropologia da enunciação porque nela vemos o que Normand (2002, p. 8) tratava, quase poeticamente, como uma "verdade banal" que está "à disposição do ser dito falante", um "ateliê" que se dá porque o falante "se dobra" sobre a sua própria língua e produz uma realidade singular que está a seu serviço.

Antes de continuarmos, porém, cabe fazer uma precisão conceitual sobre o termo "antropologia" na expressão

"antropologia da enunciação": nós a entendemos, com base em Tzvetan Todorov (2014, p. 9), em sentido amplo de "conhecimento do homem", sem aplicação a um domínio qualquer; e, por se tratar de uma antropologia *da* enunciação, está ligada ao dizer (ao enunciar) do falante. Assim, a antropologia da enunciação interessa-se pelo fato de o falante tematizar a sua posição de falante ao tratar de fenômenos em que ele — ou qualquer outro falante — está implicado. Ela interessa-se por esse retorno reflexivo que o falante produz ao falar sobre como opera nele a língua, o que tem a forma de um comentário metalinguístico.

Ora, o falante, na medida em que comenta sua experiência de ser falante, fornece um conjunto de pistas (Ginzburg, 1989) acerca dessa experiência; ele faz isso *comentando metalinguisticamente* o efeito que a experiência de linguagem tem nele. Nessa direção, a antropologia da enunciação estuda fenômenos linguísticos (tradução, aquisição etc.) — e não dados — e o que o falante diz de sua experiência no interior desses fenômenos.

A categoria que dá acesso à análise antropológica da enunciação é o *comentário*, concebido como um *contorno de sentido*, produto da operação metalinguística natural do falante que visa à explicação e à compreensão da presença da *língua no homem* — numa inversão da expressão benvenistiana (cf. acima).

Esse *contorno de sentido* é a hermenêutica natural produzida por todo falante que fala para atribuir sentido à sua posição de falante, no interior de sua experiência com um fenômeno linguístico. O *contorno de sentido* é a materialização da faculdade metalinguística de que nos fala Benveniste. Sendo um *comentário* que o falante faz sobre a experiência linguística

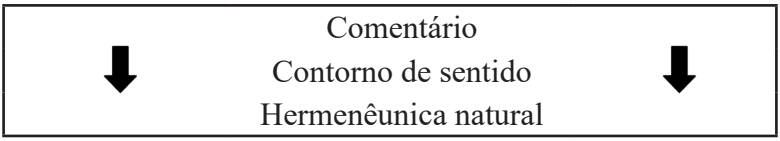
— a sua ou a de um outro — no contexto de um fenômeno linguístico qualquer, o *contorno de sentido* destaca, pela enunciação do falante, os meios expressivos utilizados por ele mesmo (ou por outro falante qualquer).

Produz-se, assim, um saber, uma interpretação, articulado pelo falante que faz uso da natureza metalinguística da linguagem, colocando em prática a capacidade simbólica que tem de delimitar mecanismos para que a faculdade metalinguística de a linguagem interpretar a si mesma se efetive. O *comentário* materializa a atitude de o falante falar a respeito de si e do outro, como, por exemplo, quando fala de sua experiência como falante acometido por um distúrbio de linguagem ou quando fala de sua experiência em traduzir. Em ambos os casos, é de sua experiência de falante que ele está falando. Trata-se, portanto, de uma "etnografia" de si (Flores, 2016), uma vez que o falante explicita sua relação tanto na condição de falante propriamente dito como na condição de quem produz uma escuta.

O *contorno de sentido* é, portanto, a "pista", o indício (Ginzburg, 1989) de que o falante reconhece os efeitos que têm sobre si os fenômenos de linguagem experienciados em uma dada situação de enunciação. De certa maneira, o comentário, o *contorno de sentido*, é uma narrativa que o falante produz sobre sua história de falante, o que o alça à condição de um etnógrafo da própria língua (cf. Flores, 2016).

Em última análise, essa experiência, que aparece sempre que o falante comenta a sua condição de falante, é fundamental para o linguista com a preocupação antropológico-enunciativa. No quadro abaixo, visualizamos as relações contidas na ideia de comentário.

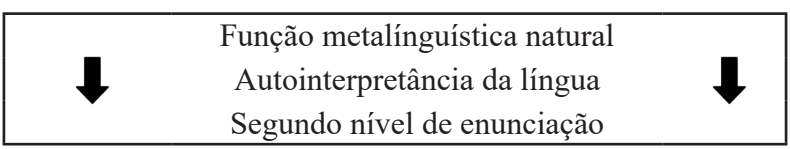
Quadro 1: Sobre a noção de comentário



Fonte: Elaborado pelo autor.

Essa formulação que apresentamos esquematicamente até aqui deriva da propriedade de autointerpretância da língua, entendida como a evidência da faculdade metalinguística natural, como diria Benveniste; essa propriedade que as línguas têm, esse "segundo nível de enunciação", é o nível em que a língua se autointerpreta. A faculdade metalinguística faculta ao falante (eu) enunciar a outrem (tu) a propósito da língua (ele). E isso se dá graças à autointerpretância da língua. Resumimos essa concepção no quadro abaixo.

Quadro 2: Função metalinguística natural e a autointerpretância da língua



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ver as coisas dessa maneira implica adotar uma visão bastante única: reconhecer o valor da reflexividade da linguagem como uma característica tanto universal quanto específica das línguas naturais. Em outras palavras, as línguas possuem estruturas adequadas para produzirem autorreferência. Essa ideia se baseia mais profundamente na teoria linguística de Émile Benveniste, especialmente em sua discussão sobre a propriedade de interpretância da língua.

Estamos discutindo, na verdade, sobre um tipo específico de linguagem reflexiva, a natural, o que, em nossa opinião, inclui os comentários que um falante faz sobre sua própria posição como falante (ou de outra pessoa), dentro de um determinado fenômeno linguístico. Esses comentários proporcionam um entendimento sobre a relação do homem com a linguagem, o que os torna objetos antropológicos dignos de serem estudados dentro de uma antropologia da enunciação.

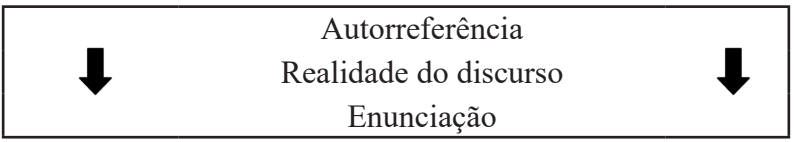
Em função disso, a autorreferência diz respeito à maneira como compreendemos a enunciação, um ato individual de utilização da língua que se configura em uma categoria geral que permite a inscrição do homem que fala em sua fala. Tal categoria é, por natureza, autorreferencial e, por isso, institui uma teorização muito precisa acerca da relação entre língua e realidade. *Grosso modo*, a ideia é ver que a enunciação impõe uma relação muito particular entre língua e realidade, o que permite dizer que a enunciação, em função da propriedade autorreferencial, dá existência a um dado mundo na língua, uma "realidade de discurso". No caso dos comentários que o falante faz de sua condição de falante, ele instaura uma realidade de discurso que é constituída referencialmente pela própria língua. O falante fala da língua com a língua e se situa no interior do que diz (o "segundo nível de enunciação").

Ao transferir essas reflexões para o âmbito do comentário, visto como uma forma específica de linguagem reflexiva natural, torna-se evidente que o falante, ao comentar sua própria posição ou a de outra pessoa, delimita um significado, uma interpretação. Em outras palavras, o comentário metalinguístico envolve uma interpretação que inclui uma suposição por parte do falante, pela qual ele tenta explicar sua relação com a linguagem dentro de uma

determinada situação linguística. Essa interpretação representa essencialmente uma etnografia dos efeitos da linguagem sobre o falante, uma etnografia de si mesmo.

Em outras palavras, a "realidade de discurso" construída por cada falante ao comentar a sua experiência com algum fenômeno de linguagem instaura-se autorreferencialmente. Sintetizamos esse percurso no quadro abaixo.

Quadro 3: Autorreferência e enunciação



Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, gostaríamos de trazer à tona um encaminhamento de ordem metodológica, que diz respeito aos níveis descritivos que se evidenciam a partir das ideias apenas esboçadas aqui. Dito de outro modo: como podemos descrever esses comentários que o falante faz de si ao fazer aparecer nas línguas a propriedade da autointerpretância? Pensamos a descrição em três planos.

a) Descrição no plano intralinguístico (*semiótico*) das formas pelas quais o falante comenta sua relação com a língua, ao falar de um dado fenômeno de linguagem (seu ou de outrem).

A ideia aqui é descrever o sistema semiótico da língua, seus mecanismos, ou seja, os marcadores enunciativos de tempo, espaço e pessoa. Busca-se ver os mecanismos pelos quais o falante usa a língua para falar da língua – a propriedade da interpretância (cf. Benveniste 1989).

b) Descrição no plano discursivo-enunciativo (*semântico*) do modo como o falante comenta sua relação com a língua.

A ideia aqui é descrever a situação de enunciação particular, destacando o estatuto enunciativo do comentário reflexivo que cada falante faz sobre sua posição de falante. Busca-se ver como o falante está situado no interior dessa enunciação, ou seja, como o comentário introduz o falante na metalinguagem (um "segundo nível de enunciação"), o que proporciona uma descrição em relação à forma e ao sentido.

c) Descrição da função que cumpre o comentário na história de falante do falante, situando-o como *homo loquens.*

4 Conclusão

Gostaríamos de indicar dois caminhos relativos às conclusões de nosso estudo. Em primeiro lugar, quanto à leitura empreendida de Benveniste. Em segundo lugar, quanto à derivação de sua reflexão para o escopo de uma antropologia da enunciação.

A leitura que fizemos da teoria da linguagem benvenistiana não esgota a amplitude que o tema da "faculdade metalinguística" tem na obra do autor. Ele é de tal importância que uma pesquisa mais aprofundada certamente levaria a concluir que o autor alicerça sobre esse tema toda a "semiologia da língua", uma espécie de nova disciplina dos estudos semiológicos. Tudo indica que a "faculdade metalinguística" permite a Benveniste sustentar um entendimento de que a linguagem tem características tais que a colocam em posição definidora da natureza humana (o aspecto antropológico da discussão de Benveniste). É assim que vimos, por exemplo, ele recorrer a essa ideia na contraposição

que faz ao zoólogo alemão Karl von Frisch em função de seus trabalhos sobre a "linguagem" dos insetos, incluindo, em especial, as abelhas. Benveniste dá destaque ao fato de que a comunicação das abelhas diz respeito a um dado objetivo e não a um dado linguístico: "[...] a mensagem de uma abelha não pode ser reproduzida por outra [...]" (Benveniste, 1988, p. 65); no homem "[...] a referência à experiência objetiva e a reação à manifestação linguística se misturam livremente, ao infinito." (Benveniste, 1988, p. 65). Logo, na linguagem humana, pode-se construir uma mensagem a partir de outra mensagem. Uma abelha pode construir uma mensagem apenas a partir de um dado da realidade.

A derivação dessa discussão para uma visada antropológica da enunciação parte da ideia de que Benveniste associa a presença humana na língua à presença humana na linguagem, o que evidencia que a língua (e as línguas) possui recursos intrínsecos que refletem a condição do homem como ser falante. Essa condição é que possibilita considerar que *a língua no homem* é o fundo essencial para configurar o objeto de estudo de uma antropologia da linguagem.

A enunciação é uma *função* que define o *homo loquens* e revela a sua natureza essencialmente verbal. Entendida como o ato de expressar algo que revela o conhecimento da capacidade linguística humana, a enunciação se torna um tema antropológico significativo ao demonstrar os impactos da *língua no homem*. A antropologia da enunciação busca compreender esse conhecimento sobre o homem que surge da sua capacidade de falar e se expressar verbalmente. Ao focar na presença da língua no homem, essa abordagem possibilita uma investigação sobre a linguagem e as línguas a partir do ponto de vista do sujeito que fala.

Referências

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste.* São Paulo: Parábola editorial, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. O falante como etnógrafo da própria língua. Uma antropologia da enunciação. *Letras de hoje*, Porto Alegre, vol. 50, n. 5, p.90-95, fev. 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Traduzido por Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Traduzido por Eduardo Guimarães *et al*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. Traduzido por Daniel Costa da Silva *et al*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. Traduzido por Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

NORMAND, Claudine. *Bouts, brins, bribes:* Petite grammaire du quotidien. Órleans: Le Pli, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum*: ensaio de antropologia geral. Traduzido por Maria Angélica Deângeli e Norma Wimmer. São Paulo: Unesp, 2014.